



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

SALILEAN ALVES DE LIMA

SUBMISSÃO E EPIFANIA NO CONTO “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

SALILEAN ALVES DE LIMA

SUBMISSÃO E EPIFANIA NO CONTO “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Área de Concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732s Lima, Salilean Alves de.
Submissão e epifania no conto "Amor", de Clarice Lispector. [manuscrito] / Salilean Alves de Lima. - 2023.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. Clarice Lispector. 2. Submissão feminina. 3. Epifania. I.
Título

21. ed. CDD 869.95

SALILEAN ALVES DE LIMA

SUBMISSÃO E EPIFANIA NO CONTO “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR

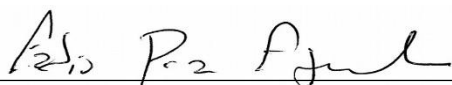
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Área de Concentração: Literatura.

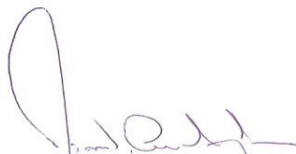
Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo.

Aprovado em: 28 de Junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima
Examinador – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição
Examinador – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA - PB
2023

Dedico este trabalho a Pai e Mãe,
Às minhas irmãs,
e ao meu companheiro de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir chegar até aqui, mesmo em meio a tantas dificuldades e desafios, Ele restaurou minhas forças e não me deixou desistir. Os meus mais sinceros agradecimentos a todos que acreditaram em mim, que depositaram inteiramente sua confiança e positividade, como também aqueles que duvidaram da minha capacidade e menosprezaram a escolha do curso, dos quais não recebi nenhum apoio, mas que indiretamente foram um dos meus maiores incentivos para continuar a jornada acadêmica.

Foram momentos difíceis, por vezes dolorosos e apreensivos, mas também momentos de muitas alegrias, risadas, diversão e muito aprendizado. Momentos esses que tive a imensa sorte de dividir com aqueles que considero os melhores colegas, por várias vezes pronunciados por mim como a melhor turma, a melhor sala; e assim foi, compartilhamos conhecimentos, presenciamos discussões, e, sem dúvidas, foram grandes os momentos partilhados. Obrigada, minha turma querida, sem fazer menção a todos, mas sem exceções, agradeço a Deus pela oportunidade de tê-los conhecido.

Agradeço a minha família, de quem recebi apoio incondicional e tenho muito o que agradecer, pois foram essas as pessoas que presenciaram, muitas vezes, minhas lágrimas, meus medos e apreensões, em alguns momentos ao longo da trajetória universitária. Às minhas amigas, colegas e companheiras de jornada, Fabíola, Brígida, Daiane, Derliane e Aniclésia, com as quais tive maior aproximação e convívio, partilhando momentos incríveis de alegrias e por vezes de aflições; em especial, Natália, com quem dividi momentos de sufoco nesta reta final. Agradeço a Deus pela existência de cada uma e por ter a imensa satisfação de conhecê-las.

Não poderia deixar de agradecer aos professores do curso de Licenciatura Plena em Letras e ao Departamento de Letras, pois todos fizeram parte e contribuíram para que esse tão sonhado momento chegasse. Agradeço imensamente, em especial, ao professor Fábio Pereira Figueiredo, pela paciência, colaboração e incentivo, o qual acompanhou o processo de escrita deste trabalho de forma essencial, e a professora Marta Lúcia Nunes, com quem tive a imensa alegria de partilhar os momentos iniciais.

A todos e todas, que de uma maneira ou outra fizeram parte dessa jornada acadêmica, os meus mais sinceros agradecimentos.

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a função da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 2011, p. 188).

RESUMO

A submissão do gênero feminino à rotina familiar e aos afazeres domésticos ainda está relacionada aos conceitos patriarcais gerados a respeito do papel exercido pela mulher dentro do ambiente familiar. Desde o início da humanidade, a mulher sempre foi considerada como um gênero inferior em detrimento do gênero masculino, e essa é uma realidade ainda bem presente no cotidiano da mulher brasileira, o que conseqüentemente gera questionamentos acerca da mulher ter que desempenhar papel sociais ligados tão somente à esfera privada, isto é, trabalhos envolvendo atividades domésticas, além do cuidado com os outros, particularmente os filhos e o marido. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar a submissão feminina e seu momento epifânico no conto “Amor”, da escritora Clarice Lispector. Como embasamento teórico para esta investigação, utilizamos os pressupostos de Beauvoir (1980), Grob-Lima (2009), Oliveira (2000), Silva (2007), dentre outros. A escolha do tema se justifica pela necessidade de conhecer a realidade de muitas mulheres brasileiras que se submetem ao cuidado com o lar, como forma de sufocar os seus desejos e vontades, mulheres que abrem mão de si mesmas para viverem em prol do outro. Portanto, espera-se que esta investigação possa proporcionar reflexões acerca do tema, provocando debates relacionados às variadas questões observadas no conto em questão, que integra a obra *Laços de família*.

Palavras-chave: submissão feminina; epifania; Clarice Lispector.

ABSTRACT

The submission of the female gender to the family routine and household chores is still related to the patriarchal concepts generated regarding the role played by women within the family environment. Since the beginning of humanity, women have always been considered of a lower gender than men, and this is a reality that is still very present in the daily life of Brazilian women, which consequently raises questions about women having to play their role, and in this way form submits to domestic activities, children and husband. From this perspective, the present work aims to analyze female submission and its epiphanic moment in the short story “Amor” by the writer Clarice Lispector. And as a theoretical basis for this investigation, we used the assumptions of Beauvoir (1980), Grob-Lima (2009), Oliveira (2000), Silva (2007), among others. The choice of theme is justified by the need to know the reality of many Brazilian women who submit to home care, as a way of suffocating their desires and wishes, women who give up on themselves to live for the other. Therefore, it is expected that this investigation can provide reflection about the theme, provoking the debate related to the various questions and observations contained in the tale of this literary work.

Keywords: female submission; epiphany; Clarice Lispector.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CLARICE, VIDA E OBRA: PANORAMA GERAL	11
2.1 Apontamentos de Leitura do Conto	14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A QUESTÃO DA SUBMISSÃO FEMININA A PARTIR DA EPIFANIA NO CONTO “AMOR” DE CLARICE LISPECTOR	17
3.1 Conceitos de Epifania	17
3.2 Submissão Feminina no Conto “Amor” de Clarice Lispector	19
4 ANÁLISE DA OBRA	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que a mulher está ganhando cada vez mais notoriedade no espaço social. Mesmo inseridas em um sistema que apresenta diferentes desigualdades e discriminações para o seu gênero, as mulheres vêm ganhando forças em diferentes âmbitos, o que torna a mulher pós-moderna protagonista na sociedade atual.

Tendo em vista que ainda há diversas discussões acerca do papel desempenhado pela mulher na sociedade, cujo o olhar se volta para a mulher enquanto parte integrante do seio familiar, como dona de casa e organizadora do lar, esse fato aprisiona e sobrecarrega muitas mulheres, que em alguns momentos sentem a ausência de valorização, submetendo-se a viverem de forma reprimida e silenciosa, mas que inevitavelmente são surpreendidas em seus momentos de epifania durante o cotidiano.

O conto *Amor*, publicado em 1960, faz parte do livro de contos *Laços de Família*, da escritora Clarice Lispector, cujo enredo traz uma sondagem profunda da representação da figura feminina a partir do cotidiano de Ana, uma mulher que se dedica inteiramente ao lar, aos filhos, ao marido e as atividades domésticas.

Clarice nasceu na Ucrânia, no ano de 1920, mas em decorrência da Guerra Civil Russa, fixou moradia Brasil com a sua família, em 1922; a autora passou grande parte da sua infância na cidade de Recife, vivendo, posteriormente, no Rio de Janeiro, onde faleceu no ano de 1977, vítima de câncer.

Dona de um estilo intimista, Clarice é um verdadeiro destaque na literatura brasileira, conhecida, dentre outros aspectos, por escrever com profundidade e conseguir despertar diversos pensamentos e conflitos nas personagens de suas obras, que, em sua maioria, são mulheres. Suas narrativas apresentam fortes características pessoais, que refletem a percepção de vários momentos vividos por ela em sua própria realidade existencial. Traço característico de sua escrita, os momentos epifânicos são constantes em sua produção, os quais apontam para momentos de reflexão das personagens que as fazem pensar sobre elas mesmas.

Podemos notar na obra *Laços de família*, que Clarice Lispector desperta o leitor já a partir do título da obra, causando um certo estranhamento ao ser comparado com a vida da personagem do conto, que aparentemente vive tranquila e feliz, sem apresentar nenhum fato de sofrimento ou problemática em seu relacionamento familiar, entretanto, destaca-se que a protagonista vive em um conflito interno consigo mesma.

Portanto, a escolha do conto foi feita por indicação de uma professora, que apresentou-me o conto e possibilitou que houvesse observações acerca do contexto apresentado e narrado.

Estando inserido numa obra formada por um conjunto de contos, que são narrativas curtas, também foi despertada em mim a curiosidade de conhecer alguns deles. Desse modo, o contato com a obra e com a autora facilitou a análise literária que é feita neste trabalho.

Por ser uma escritora renomada, conhecida e consagrada pela profundidade de suas obras, autora de trechos e frases intimistas, absurdamente reflexivas e complexas, no entanto, reveladoras, com as quais diversas mulheres se identificam, as suas obras se encaixam facilmente em perfis femininos. Em suma, trata-se de uma mulher que desperta olhares de outras mulheres por meio de suas obras, proporcionando visibilidade e valorização do gênero feminino, pondo em destaque a epifania, aspecto que ocasiona momentos de reflexões nas personagens e no leitor.

Em virtude disso, o conto e a autora possibilitaram a percepção da necessidade de se apresentar dois grandes traços nessa obra, que se constituem, portanto, os nossos elementos de análise, particularmente, a submissão feminina e a epifania presentes no conto “Amor”, de Clarice Lispector. Servirão como aporte teórico da nossa investigação, no eixo da submissão e trajetória da mulher, assim como no que diz respeito à epifania como ponto de revelação dessa submissão, Beauvoir (1980), Grob-Lima (2009), Oliveira (2000), Silva (2007), dentre outros.

Nessa perspectiva, este trabalho discute alguns pontos que enfatizam a construção e a condição da personagem do conto, tendo em vista a realidade do cotidiano vivido por muitas mulheres reais, que mesmo vivendo aparentemente felizes, se questionam internamente, trazendo à tona insatisfações e possíveis possibilidades de viverem de uma forma diferente.

Este trabalho aponta os seguintes objetivos: analisar o conto “Amor” identificando a submissão da figura feminina e o seu momento epifânico; identificar os elementos que constituem o conto, a linguagem, os acontecimentos, observando o comportamento da protagonista Ana; e apresentar características dos personagens da narrativa e suas significações.

2 CLARICE, VIDA E OBRA: PANORAMA GERAL

Clarice Lispector nasceu em 10 de Dezembro, de 1920, na Ucrânia, filha dos pais Pinkas e Mania Lispector, que vieram para o Brasil em 1922, na tentativa de fugir da perseguição aos Judeus durante a Guerra Civil Russa. A maior parte da sua infância foi vivida em Recife-PE, sendo marcada por constantes mudanças de uma cidade para outra; viveu grande parte de sua vida adulta no Rio de Janeiro, onde faleceu no ano de 1977, um dia antes de seu aniversário.

Aprendeu a ler e a escrever ainda muito nova e logo iniciou os seus primeiros escritos de contos. Clarice ingressou na Faculdade Nacional de Direito, casou-se com seu colega Maury Gurgel Valente, com quem morou na Suíça e nos Estados Unidos e com quem teve dois filhos. Foi redatora e jornalista; dividida entre a vida doméstica e a vida literária, Clarice se separou do marido em 1959, e voltou para o Brasil com seus filhos.

Uma mulher, mãe, que escolheu dedicar-se à carreira de escritora e enfrentou momentos difíceis, de solidão e angústia. Escreveu crônicas em revistas e jornais, e dava aulas de moda e etiqueta para mulheres da sociedade. Nesse sentido, uma mulher extremamente vaidosa, que mostra como suas obras, de certa forma, direta ou indiretamente, se relacionam com sua vida. Uma mulher bela, misteriosa e complexa, Clarice Lispector se configura como uma escritora a frente de seu tempo.

Clarice Lispector é uma escritora *contracorrentes*. Sua escritura nada tem de dogmática; ela é, antes de tudo, questionadora. Clarice pressente que as mulheres vão conquistar seu espaço na sociedade, assim, limita-se apenas a inserir uma sugestão no centro das evidências dos motivos que operam em desfavor no processo de emancipação da mulher: a falta de conhecimento, de esforço, unidade, iniciativa e trabalho (GROB-LIMA, 2009, p. 51, grifo do autor).

Em suas obras, Clarice traz frequentemente a representação feminina com profundidade; dona de um estilo intimista, a autora consegue, por meio da escrita, despertar pensamentos e conflitos no leitor por intermédio das personagens. Suas obras apresentam características e traços marcantes, como a descrição psicológica das personagens, a discussão de temas abstratos e subjetivos, a apresentação e a realidade de vidas cotidianas sob uma ótica pessoal, e dentre essas características, um forte traço é a presença da epifania, momento em que acontece uma espécie de revelação das personagens.

Autora de grandes obras bastantes conhecidas na literatura brasileira, das quais citamos “Perto do Coração Selvagem”, por se constituir o primeiro romance publicado por Clarice, em 1943, a autora ganha, inclusive, o prêmio Graça Aranha com essa publicação. O livro em

questão apresenta o cotidiano de Joana, que após a morte de sua mãe e anos depois da morte do pai, vai morar com a tia, que mostra-se incomodada com a sua presença e envia a garota para um internato, lugar onde Joana se apaixona por seu professor. O contexto da obra expõe a vida de uma mulher que é esposa, problematizando a relação do gênero feminino com o seu próprio eu, enfatizando, ao mesmo tempo, a necessidade da descoberta e do autoconhecimento.

Já em 1946, na Suíça, publicou-se *O Lustre*, um romance que retrata a história de Virgínia, que tem lembranças de uma infância marcada por sentimentos ruins, como a maldade e a angústia, cujos sentimentos se atrelam às brincadeiras e perversidades vivenciadas ao lado do irmão; a obra é, portanto, resumidamente marcada por revolta e reflexões da vida da personagem.

Em 1949, ano em que nasceu o primeiro filho de Clarice, foi publicada *A Cidade Sitiada*, livro no qual o enredo gira em torno de Lucrecia, uma jovem inconformada, que, dividida entre o campo e a cidade, não esconde suas inquietações e insatisfações. A obra é dividida em doze capítulos, sendo marcada pela simplicidade e o silêncio da protagonista que usa apenas o olhar como forma de comunicação, limitando-se apenas em observar sua vida passar.

Em 1960, o livro *Laços de Família*, composto por treze contos com narrativas semelhantes, aborda temáticas como: O cotidiano e os conflitos na vida familiar; e a representação feminina evidenciada pela personagem Ana, cuja presença está retratada na narrativa a partir de diversas possibilidades de reflexões que serão abordadas adiante. Logo após esse livro, Clarice publicou *A Maçã no Escuro*, em 1961, uma obra que narra a fuga do personagem Martim de uma suposta cena de crime, um homem que foge na escuridão por pensar ter matado sua esposa. O referido romance é complexo, cheio de indagações e reflexões.

Em 1964, Clarice escreveu *A Legião Estrangeira*, um livro de contos e crônicas que apresenta temas como solidão, relacionamentos, egoísmo, perversidade e reflexões ligadas aos personagens de cada história, que, ao longo dos enredos, tentam encontrar algo interessante no cotidiano. *A Paixão Segundo G.H.*, publicada em 1964, é um romance que também possui traços característicos de inquietações, pois se trata de uma obra introspectiva na qual a protagonista vive uma busca pelo autoconhecimento. A leitura envolve um mergulho nos pensamentos e nas divagações da protagonista, que traz reflexões acerca de sua própria vida, quando consegue enxergar-se numa barata; a partir desse momento, fica evidente o sentimento de epifania da personagem do romance.

A obra *O Mistério do Coelho Pensante*, é um livro publicado no ano de 1967, direcionado ao público infantil, que conta a história da fuga do coelho Joãozinho, que

inexplicavelmente foge de sua casa todos os dias, por não haver comida o suficiente. Trata-se de uma narrativa de confissão, culpa e perdão, e o que torna intrigante na história é a dúvida de como essa fuga acontece, pois não há espaço para que o coelho possa fugir. Em 1968, Clarice Lispector publicou *A Mulher que Matou os Peixes*, também uma obra direcionada ao público infantil. Vale salientar que a morte dos peixes vermelhos é também uma confissão da autora, que utiliza na narração sentimentos que remetem a relação entre humanos e animais, a qual demonstra como Clarice sabe exatamente se aproximar e se comunicar com crianças.

Por sua vez, o romance intitulado *Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, publicado em 1969, trata-se de uma obra que apresenta a história de amor da protagonista Lóri, cuja história envolve amor, sexualidade, prazer e liberdade. A trama gira em torno da preparação sexual da personagem por Ulisses, o qual apresenta a plenitude e a escolha de Lóri de amar e ser amada.

Felicidade Clandestina, obra escrita em 1971, é um livro que reúne variados gêneros, dentre os quais destacam-se contos, ensaios e crônicas, tendo sido algumas dessas crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*, as quais retratam temas como: O amor, família, infância e autoanálise. Já a obra *Água Viva*, escrita em 1973 e pertencente à terceira geração modernista, trata-se de uma narrativa com traços intimistas, uma forte característica da prosa de Clarice, que é escrita de forma corrente como a água que flui e não permanece. Ao longo do enredo, torna-se perceptível uma espécie de confusão entre a relação da autora, personagem e narrador.

A Imitação da Rosa, obra publicada em 1973, trata-se da apresentação do cotidiano de Laura, uma mulher que vive de forma submissa aos desejos e às vontades de seu marido. O enredo se fixa a partir do encontro marcado entre Laura, o marido e um casal de amigos; quando, de repente, Laura se depara com um jarro de rosas e decide presentear a amiga, de modo que, ao olhar o buquê de rosas, acontece o ápice do conto, que é desencadeado trazendo diversos pensamentos, reflexões e inquietações à personagem por meio das rosas.

Em 1974, Clarice publicou *Via Crucis do Corpo*, uma leitura considerada desafiadora, trazendo histórias relacionadas ao corpo, à sexualidade e ao erotismo, dentre outras questões que se apresentam ligadas à solidão, evocadas com um pouco de humor na escrita de Clarice. A respectiva obra causou polêmica por parte de críticos, que reagiram negativamente após a sua publicação.

Onde Estivestes de Noite? trata-se de uma obra publicada em 1974, que também é composta por contos e crônicas a partir dos quais abordam-se cotidianos revelados de forma humorística, apresentando, ao mesmo tempo, angústias, aflições e delírios. De outro modo, a obra *Visão do Esplendor*, publicada em 1975, reflete a abordagem da frustração, da análise e da

crítica ao projeto máximo do modernismo a partir da cidade de Brasília, capital do Brasil.

Por fim, o último romance publicado pela autora, em vida, ocorreu em 1977, intitulado *A Hora da Estrela*, considerado um romance intimista, que evoca fortes características da escrita de Clarice. A história é narrada por um personagem da obra que se encontra à espera morte, de modo que, durante o enredo, é possível observar a relação dos sentimentos similares do narrador e da personagem Macabéa. Clarice Lispector consegue registrar na obra suas angústias e seus medos antes de falecer, evocando mais uma vez como a autora reflete com profundidade seus pensamentos e sentimentos na escrita, projetando assim, a figura do narrador-personagem. A obra finaliza com o momento da “hora da estrela”, quando a personagem consegue finalmente sentir-se alguém importante, como uma estrela de cinema, cujo momento é apresentado de forma irônica pelo narrador-personagem e essa realização só acontece através de sua morte.

2.1 Apontamentos de Leitura do Conto

A obra *Laços de Família*, da escritora Clarice Lispector, publicada em 1960, trata-se de uma coletânea de treze contos que apresentam temáticas nas quais se interligam através dos enredos que a constituem. Ao longo do livro, Clarice utiliza a habilidade de escrever de forma intimista, facilitando a aproximação da autora e do leitor à obra.

Um dos principais temas abordados na obra é a relação e o desentendimento no âmbito familiar. O próprio título do livro, *Laços de família*, embora utilizado de forma irônica no conto, pois esses “laços” representam o aprisionamento, o silêncio, a submissão e a insatisfação das personagens com as suas realidades e mesmices, simboliza essa temática a partir da apresentação da vida e do cotidiano de personagens que geralmente são mulheres.

Outro aspecto bem presente na obra é a forte representação da figura feminina, que, em sua grande maioria, desempenha o papel de dona de casa, cuja principal preocupação é manter a ordem e o equilíbrio no casamento e no lar. O livro de Clarice Lispector, que em 1961 recebeu o prêmio Jabuti de Literatura na categoria de contos, crônicas e novelas, reúne treze contos que seguem aspectos de similaridade.

O primeiro deles, intitulado “Devaneio e Embriaguez duma Rapariga”, conta a história de uma personagem feminina na qual não foi atribuído um nome, mas se esconde por trás do álcool, do espelho e de outras pessoas, a fim de refugiar-se ou de superar a sua vida rotineira. Em seguida, o conto “Amor”, narra a vida e a rotina de Ana, personagem protagonista que vive como dona de casa, aparentemente feliz, até se chocar-se com o momento que revela sua

realidade e submissão ao cotidiano e a mesmice da vida.

Logo em sequência, o conto “Uma Galinha” narra a possível morte de uma galinha para o almoço de domingo em família, que, preter a ir à panela, decide fugir. Após a galinha ser capturada, ela bota um ovo, o que faz com que a família desista de comê-la, mas depois de um tempo a galinha acaba por virar um almoço.

Posteriormente, “A Imitação da Rosa”, conto que também faz parte da coletânea em questão, narra a vida de Laura, uma mulher submissa ao marido, que é surpreendida num momento simples. Ela se depara com um jarro de ramallete de rosas e decide levá-las ao encontro de um casal de amigos para presentear à amiga, momento em que tem uma epifania, quando consegue se olhar e se enxergar naquele ramallete de rosas.

Já o conto “Feliz Aniversário”, trata-se de um texto que revela ironia ao modelo de famílias que fingem dar importância e dedicar sentimento de atenção aos familiares. A aniversariante é uma senhora de 89 anos, que tem 7 filhos e mora com uma de suas filhas chamada Zilda, responsável por preparar uma festa de aniversário para mãe e convidar os irmãos para participarem. Ao sentarem à mesa, todos ficaram surpresos com a reação da mãe, que, por sua vez, ignora-os e observa com desdém a família.

“A Menor Mulher do Mundo” é o conto que dá continuidade a obra de Clarice. Um conto que narra a história da descoberta de uma pigmeia pelo explorador francês Marcel Petre no Congo, na África, que nomeia a pigmeia de pequena flor e a vê como um ser muito pequeno, desprezível. Pequena, negra, mulher e grávida, todas essas características descritas na obra trazem a percepção da inferioridade feminina e da superioridade masculina presentes no conto.

Em seguida, “O Jantar”, único conto da obra narrado em primeira pessoa, traz um narrador que observa o comportamento dos personagens. A história é narrada num restaurante no qual o narrador observa atentamente o jantar de um homem com uma boa aparência, mas que é impedido de fazer sua refeição por algum motivo que lhe causa muita tristeza e sofrimento. Nesse conto, em específico, o forte marco é que a escritora tenta aproximar, o máximo possível, as lamentações do personagem às do leitor.

O conto “Preciosidade”, por sua vez, narra a história de uma menina de 15 anos de idade, que apesar de se achar feia, não se preocupa em mudar a aparência, tampouco quer tomar banho, cuja preocupação se resume ao medo de ser notada por algum homem. Ao longo do enredo, o amadurecimento a faz sentir-se melhor e ajuda na superação de seus problemas internos.

Em “Os Laços de Família”, é apresentada a relação de Catarina e da mãe Severina, de quem a filha recebe a visita em casa durante duas semanas. Logo após a despedida, as duas entram em um táxi a caminho da estação de trem, mas uma freada bagunça as malas e ao mesmo

tempo as personagens do conto, momento que acontece o clímax e a epifania, quando Severina questiona a filha se não havia esquecido nada e as personagens são, repentinamente, desestruturadas e saem do eixo.

No conto “Começos de uma Fortuna”, a narrativa gira em torno de Artur, jovem adolescente que se preocupa somente com o dinheiro, cujo único interesse é receber a mesada e poder gastar comprando coisas de seu interesse. Já o conto “Mistério em São Cristóvão”, narra a história da aparição de três mascarados no jardim de uma casa, para colherem jacintos e enfeitarem suas fantasias numa bela noite de Maio. Por outro lado, o conto “O Crime do Professor de Matemática”, narra o sentimento de culpa do professor em ter abandonado o cachorro José, cão da família, cujo personagem, na tentativa de se aliviar e se redimir da culpa, resolve enterrar um cachorro desconhecido.

Por fim, o conto “O Búfalo” encerra a obra, apresentando o enredo da personagem protagonista, que vai ao zoológico motivada por uma desilusão amorosa em busca de encontrar o ódio em meio aos animais, mas depara-se justamente com o amor; até que encontra-se com um búfalo, um animal forte, pesado, perfurante e solitário, com o qual a mulher se identifica, e, ao se deparar com o animal, é tomada por uma leve vertigem.

Mediante a leitura da obra, é possível observar alguns traços característicos da escrita de Clarice, que são: O foco psicológico, trazendo pensamentos, reflexões, dilemas e conflitos internos marcados pela introspecção, cujo foco está nos pensamentos e sentimentos dos personagens, assim como na apresentação da vida e do cotidiano; e a epifania, momento de revelação que instiga e desperta a reflexão nos personagens.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A QUESTÃO DA SUBMISSÃO FEMININA A PARTIR DA EPIFANIA NO CONTO “AMOR” DE CLARICE LISPECTOR

3.1 Conceitos de Epifania

O ponto central abordado no conto “Amor”, de Clarice Lispector, é a submissão da mulher ao cotidiano familiar, papel regido por padrões patriarcais e desempenhado no conto por Ana, a personagem principal. “[...] Ana se resume no ambiente familiar e sua falsa felicidade está em ser uma boa mãe e esposa, mulher correta e bem comportada devotada aos seus e aos seus afazeres domésticos” (SEQUETO TERROR, 2012, p. 441).

A personagem se dedica inteiramente ao lar e à família, vivendo aparentemente uma vida feliz e tranquila. Seguindo características semelhantes aos demais contos, presentes na obra de Clarice, há o forte traço característico da submissão. Nesse caso, o ambiente doméstico da personagem é o lugar propício para mantê-la submissa; o lugar que lhe proporciona tranquilidade, porém, em alguns momentos, um desconforto, que tenta desequilibrar sua vida e atrair outros desejos e sensações por meio dos pensamentos evitados por diversas vezes pela própria personagem.

A presença do medo da personagem Ana em permitir pensar e refletir sobre sua vida aprisiona-a em seu cotidiano, fazendo com que ela seja totalmente submissa aos afazeres domésticos para fugir de seus pensamentos.

Há também uma relação indireta com o dito popular ‘mente vazia, oficina do diabo’, que é uma referência à fé, pois a inquietação era em decorrência da ociosidade em uma determinada parte do dia e o risco era seus pensamentos que lhe traziam à mente desejos, significando anseio por liberdade (SEQUETO TERROR, 2012, p. 442).

Ao negar e fugir dos pensamentos, Ana nega a si mesma, negando também os seus sentimentos e abafando seus anseios, deixando de viver para si, para viver em função dos outros. Dessa forma, Ana procurava se manter sempre ocupada com os afazeres domésticos, como forma de tentar impedir o momento de reflexão iminente e fugir de sua realidade.

Ana precisava se manter ocupada durante todo o tempo para não ceder espaço ao pensamento. O pensar dava a ela a certeza do vazio da vida, da insignificância dos seus dias. A ocupação do corpo até a exaustão conferia-lhe o distanciamento de que precisava para fugir da sua verdade. Ela temia o silêncio das suas ações porque esse lhe transmitia certezas das quais ela necessitava fugir (SILVA, 2007, p. 3).

A personagem do conto tem o conhecimento de que se ela se permitir pensar, seus pensamentos podem te levar à revelação, por isso o motivo da fuga. No entanto, a inquietação persiste, incomodando-a e a conduzindo ao caminho da epifania. A palavra epifania, que vem do grego *epi* (sobre) e *phanio* (brilhar, aparecer), formam *epipháneia* (o mesmo que manifestação ou aparição). No sentido religioso, a definição de epifania está relacionada como uma “manifestação” ou “revelação”.

Sendo assim, a epifania presente em obras literárias reafirma a ideia de revelação dos personagens. No conto “Amor”, de Clarice Lispector, a personagem Ana é surpreendida por esse acontecimento por meio do olhar: “É a partir do ‘olhar’ que se dá, então, a epifania nos contos. Como se vivessem envoltas em uma névoa que se dissipa assim que surge o clarão epifânico, as personagens ‘olham’ tudo em redor” (OLIVEIRA, 2000, p. 262).

Essa é mais uma forte marca das obras de Clarice, esse “olhar” das personagens que provoca inquietação, questionamentos e o encontro com a “revelação” da realidade, na medida em que esta se torna visível às personagens por intermédio do olhar.

O momento epifânico de Ana dá-se assim que ela ‘olhar’ o cego. Suas compras caem e os ovos se quebram, como se quebrassem também um fio que prendia a mulher ao seu cotidiano equilibrado. Ana desequilibra-se, não consegue tirar os olhos do cego. As pessoas do bonde também não deixavam de olhá-la assim que ela derrubou as compras (OLIVEIRA, 2000, p. 259).

O momento epifânico é um momento revelador, que permite aos personagens entrarem em uma espécie de “choque” com a realidade, de modo que, a partir desse instante, não vejam mais as coisas como viam antes. No conto “Amor”, esse momento revelador acontece quando Ana olha para o cego no bonde e ali se vê, como se sua imagem e suas ações fossem refletidas no cego e ela estivesse vendo a si própria. Desse modo, a epifania torna-se um momento perigoso e evitado pelas personagens construídas por Clarice, que tentam fugir ou retardar esse encontro através do cotidiano doméstico.

O cotidiano doméstico sem reflexão protege as personagens clariceanas de refletirem sobre seu íntimo. Elas continuam, então nos afazeres do dia-a-dia, aparentemente felizes. Até que a epifania revela-lhes algo, por exemplo, quando voltou das compras e viu o cego, iniciou-se a epifania de Ana a partir da qual, esta percebeu que as coisas seguiam o curso normal sem a sua ajuda. Sua epifania revelou-lhe que as coisas podiam ser perfeitas apesar de não terem a sua interferência (OLIVEIRA, 2000, p. 263).

Em grande parte das obras de Clarice, existe esse momento de revelação, geralmente temido pelas personagens que tentam de algum modo se esquivar, evitando a desocupação e

bloqueando pensamentos relativos às suas realidades. Entretanto, o encontro com a epifania é inevitável e surpreendente, pois acontece, na maioria das vezes, em situações simples do dia a dia. No conto em questão, acontece quando Ana olha para o cego e se identifica com aquela situação, ocasião na qual a personagem passa a observar o cego e a olhá-lo como se estivesse voltando o olhar para dentro de si.

Ana via o seu cotidiano doméstico ausente de reflexão e seu clima rotineiro é quebrado por um ‘olhar’: ‘olhando’ o cego (externo), passa a ‘olhar’ para si mesma (interno). [...] ‘Olhar’ para fora, resultando em ‘olhar’ para dentro, as fez conhecerem-se. Ana reconheceu-se diante de um mundo, o qual ela parecia ter esquecido que existia, ou melhor, reconheceu-se alienada dele (OLIVEIRA, 2000, p. 265).

É a partir do olhar de Ana direcionado para o cego que os pensamentos e reflexões da personagem acerca de sua vida são estimulados, proporcionando a ela a autoconsciência. Epifania é, portanto, um evento ou situação que expressa uma súbita sensação de entendimento ou compreensão da essência de algo; é o fenômeno da descoberta ou da experiência, que traz um entendimento do que antes não estava estruturado na mente.

3.2 Submissão Feminina no Conto “Amor” de Clarice Lispector

Desde o princípio da existência da humanidade, a mulher sempre foi considerada inferior ao homem, o que conseqüentemente provocou danos ao gênero feminino, causando-lhe inseguranças, ausência de amor próprio e de autoconhecimento, que geram submissão ao homem, tornando a mulher um objeto exclusivamente obediente e subordinado. Convém ressaltar que, “Essas concepções de subalternidade, baseadas no controle masculino e na obediência feminina, são milenares em nossa sociedade. Podem ser reconhecidas atualmente na ideia do homem provedor da casa e da mulher organizadora do lar” (ACOSTA, 2019, p. 6).

O título da mulher como “organizadora do lar” traz a ideia ilusória de que a mulher tem espaço na sociedade, mas a verdade é que esse termo é utilizado apenas para amenizar a ideia de que o gênero feminino é um ser menosprezado e inferiorizado. Nesse sentido, o termo submissão, segundo algumas definições consultadas, diz respeito à condição de um indivíduo que é obrigado a obedecer ou a se submeter a alguma situação ou a alguém, como é o caso do papel exercido pela personagem ao longo do conto, que aponta fortemente para a submissão feminina, pois a personagem se dedica e se empenha totalmente na manutenção do seu lar, sendo submissa aos filhos, ao marido e aos afazeres domésticos.

Tendo as atividades do dia a dia e a vida rotineira como um esconderijo, uma maneira

de tentar evitar os pensamentos e manter-se sempre ocupada é o silêncio. É o caso da personagem Ana, que também se submete ao silêncio, cujo silêncio abafa suas insatisfações com a rotina, escondendo os seus sentimentos, mas não conseguindo calar os seus pensamentos. O silêncio, assim como o medo de se expressar, de se arriscar e se descobrir, podem caracterizar a submissão.

A personagem vive em meio a esse conflito, de privar-se e guardar para si seus interesses, vontades e sentimentos ao escolher silenciar-se. Partindo de conceitos patriarcais, de que o homem é tido como sujeito dominante e a mulher deve ser submissa a ele, a submissão feminina está relacionada à opressão e a alienação da mulher que se submete ao homem e as suas vontades, tornando-se um objeto passivo, e que, renunciando os seus desejos e sufocando seus valores, são levadas a dedicarem-se inteiramente ao lar. “Em troca de sua liberdade, presentearam-na com os tesouros falazes de sua ‘feminilidade’, Balzac escreveu muito bem essa manobra quando aconselhou ao homem que a tratasse como escrava, persuadindo-a de que é rainha” (BEAUVOIR, 1980, p. 489).

Nesse sentido, a mulher é verdadeiramente uma prisioneira na vida familiar, condicionada ao ato de servir, cuja dedicação incondicional é se doar ao marido e à maternidade. Apesar de existir a presença do domínio masculino, torna-se inevitável levar em consideração a existência do sujeito feminino que escolhe se submeter ao outro. Segundo Beauvoir (1980), existe algo na submissão que atrai as mulheres, o que não significa dizer que a submissão traz felicidade, mas que há algo atrativo, no entanto, isso depende da situação específica de cada mulher; como, por exemplo, o prazer da mulher/esposa que tenta agradar sempre o seu marido, o prazer da mulher/mãe que se dedica inteiramente aos seus filhos, alienando-se para se submeter a eles.

Ana sentia necessidade de ser útil para a família, seja cuidando da saúde e da educação dos filhos, seja cuidando do marido e da casa. Quando tudo estava sob ‘controle’ (a casa limpa e o marido e os filhos satisfeitos), Ana tinha medo de certa hora do dia em que se sentia insegura. A sua vida se resumia a direcionar o seu talento artístico aos afazeres domésticos: dessa maneira, ela demonstrava competência no seu papel de mãe e de esposa. Em contraposição à sua necessidade de sentir as coisas com mais emoção, Ana se resigna ao ‘destino de mulher’ construído socialmente a partir de uma sociedade predominante dominantemente dominada pelos homens (CARVALHO FILHO; RAFAEL, 2012, p. 5).

Movida pela necessidade de ser e agir como uma dona de casa perfeita, boa mãe e esposa, a personagem anulava seus sentimentos, emoções e vontades, para desempenhar e restringir-se ao seu “papel de mulher” na sociedade, dedicando tempo integral aos afazeres domésticos, mantendo sempre tudo organizado. Dessa forma, a submissão feminina é

representada no conto por intermédio da mulher que se anula para viver em função dos outros, dedicando sua vida à casa, aos filhos e ao marido, negando a si mesma e evitando pensamentos contraditórios que fugissem à lógica de ser a “estrutura do lar” e de cumprir o seu “destino de mulher”.

4 ANÁLISE DA OBRA

O conto “Amor” faz parte do livro *Laços de Família*, de Clarice Lispector, uma obra que trata da condição feminina no contexto e ambiente familiar. O conto é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente, que sabe e acompanha todos os ocorridos ao longo da trama, cujo cenário retratado é a cidade do Rio de Janeiro.

Um conto que busca aproximar o leitor do conhecimento e da realidade vivida por muitas mulheres na sociedade da época e ainda da atualidade, provocando conflitos e reflexões acerca do papel social exercido pela mulher, que coloca em evidência a submissão feminina aos conceitos e valores patriarcais, nos quais a mulher é vista como um ser condicionado a servir e a dedicar-se fielmente ao lar, marido, filhos e aos afazeres domésticos.

O enredo gira em torno da personagem protagonista Ana, uma figura feminina descrita como uma mulher de classe social burguesa, que, aparentemente, vive uma vida tranquila e feliz; uma mulher mãe, esposa e dona de casa, que ocupa o seu tempo cuidando da família e dedicando-se inteiramente na manutenção e organização de seu lar.

A princípio, observa-se o título do conto e logo se cria uma ideia do que pode tratar o enredo, porém, ao fazer a leitura da obra, analisa-se que não há uma ligação direta com o título, pois não trata-se uma história de amor ou de desilusão amorosa. Ao contrário do que se imagina, a família de Ana é apresentada como uma família aparentemente perfeita:

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. [...] o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome [...] (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Ao lado da família, Ana leva uma vida extremamente tranquila, usufruindo do que se é necessário para a sobrevivência; a recente compra do apartamento, o marido, que mesmo faminto, sorri, e os filhos que crescem a cada dia. No entanto, o conto se inicia com uma quebra dessa ideia relacionada à vida feliz de Ana, quando logo no início do conto narra a subida da personagem no bonde: “Um pouco cansada, com as compras deformando o saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

A descrição do cansaço e da insatisfação de Ana não dizem respeito somente às compras feitas por ela e ao desconforto do banco do bonde, mas pode ter relação com o cansaço da vida rotineira que ela levava, o peso do compromisso com as atividades domésticas, com a rotina de

dona de casa e a insatisfação de viver todos os dias da mesma maneira, sempre ocupada com a organização do lar. Isso torna perceptível a quebra da ideia de família perfeita e da vida tranquila e feliz da personagem.

A insatisfação e desconforto com a vida que levava torna-se notória quando o narrador faz menção ao medo da personagem em pensar sobre a sua real situação: “Certa hora da tarde era mais perigosa” (LISPECTOR, 1998, p. 19). Ana preferia manter-se sempre ocupada e inquestionável, mantinha-se ocupada com os afazeres domésticos, em cuidar das árvores que ela mesma plantara, em dedicar-se inteiramente aos filhos, ao marido e a casa, e dessa forma, tentar evitar possíveis pensamentos que a conduzissem a se questionar acerca de sua vida.

A partir desses detalhes, é possível observar a submissão feminina apresentada no conto por intermédio da personagem Ana, uma mulher que é mãe, esposa e dona de casa, que se limita e se submete a viver oprimida, em silêncio, negando-se a si mesma, evitando até mesmo seus pensamentos. Dessa forma, Ana vive de maneira submissa ao ambiente familiar e aos afazeres domésticos, onde vive a sua falsa felicidade.

Pode-se notar que até o próprio nome da personagem evidencia a forma profunda e seletiva como a qual a escritora escreve. Ana, que em hebraico significa “*Cheia de Graça*”, “*Pessoa Piedosa ou Benéfica*”, reflete a imagem da personagem. Ao manter-se sempre ocupada, Ana fogia dos seus pensamentos e desconfortos, embora isso não esteja explícito no conto, mas está relacionado a insatisfação da vida que a personagem tem como esposa, dona de casa e como mãe, o que lhe causa um certo incômodo.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia [...] O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Apesar da personagem usar os afazeres domésticos e as ocupações do lar como fuga, para evitar esses pensamentos que a traem e a incitam a refletir sobre si mesma, há algo dentro de Ana que a perturba, que a incomoda e que consequentemente a conduzirá ao seu momento de reflexão. Por esse motivo, Ana insiste em resistir diariamente, buscando se manter sempre ocupada, de modo que, quando não havia mais nada a fazer, quando a casa e os móveis estavam limpos, quando as árvores cresciam e nada mais precisava de seu auxílio, de sua força, ela inquietava-se na procura do que fazer.

Assim como em outros dias, Ana sai para fazer compras; ao subir no bonde carregada de compras, ela se depara com um cego mascarando chicletes. A partir desse momento, Ana olha para o cego e atentamente, observando cada movimento dele, quando inicia o seu momento de epifania. O olhar atento de Ana ao movimento de mastigação do cego a paralisa por alguns instantes e a leva a se identificar com o cego.

Nesse momento, Ana se viu e viu toda a sua vida como em um movimento mecânico automatizado, como se sua realidade estivesse sendo-lhe apresentada por meio do cego. Ana se enxergou na imagem do cego como se estivesse de frente ao espelho, como se ela estivesse cega antes, sem conseguir enxergar sua própria vida. No cego, Ana vê o reflexo de sua imagem, uma mulher que vive “às cegas” e que tem atitudes repetitivas ao realizar as mesmas atividades diariamente; em suma, Ana viu no cego o que tanto evitou ver e pensar. O momento de foco no conto se dá através do olhar de Ana, que ao ver o cego mascarando chicletes no bonde, vive o seu momento de epifania e resulta no clímax do enredo.

[...] o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava – o bonde estacou, os passageiros olharam assustados. [...] Mas os ovos haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede (LISPECTOR, 1998, p. 22).

No conto, cada detalhe descrito pela autora possui um real significado. Na arrancada súbita do bonde e no quebrar dos ovos que estão no saco de tricô, entre as compras, Ana sente sua paz e a sua tranquilidade se romper como o quebrar dos ovos, - de repente -, e com a arrancada do bonde; como se sua fragilidade estivesse agora em pedaços e a realidade estivesse sendo apresentada de forma repentina. Após descer do bonde, Ana ainda permanece em estado de reflexão, um momento evitado por ela diariamente, que agora a perturba com intensidade.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoas das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascarando goma despedaçava tudo isso (LISPECTOR, 1998, p. 23).

Ao descer do bonde, Ana agora se vê revoltada, em choque por ter caído em si e poder enxergar a escuridão em que vivia dentro de sua própria realidade. Andando um pouco, Ana entra no Jardim Botânico; ao visualizar o lugar, os insetos, as árvores, as flores, o espaço, a personagem entra em contato com o imprevisível da vida. Ao se deparar com os pensamentos que agora vêm à tona a partir de reflexões, Ana se perde no tempo e fica presa no jardim, até

que um guarda abre o portão e ela se desespera, pois já era tarde e ela lembra do jantar em família que tinha de preparar, seguindo de volta para casa.

Ao retornar, é notório que a personagem ainda se sente incomodada com tudo o que se passou durante o fim da tarde, pois Ana já não é mais a mesma. Após o jantar em família, Ana é levada a se recolher pelo marido.

É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver. Acabara-se a vertigem de bondade. E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, **soprou a pequena flama do dia** (LISPECTOR, 1998, p. 29, grifo nosso).

Ao olhar-se mais uma vez no espelho, Ana se vê de uma outra maneira, agora com questionamentos, pensamentos e reflexões acerca de sua vida. Ao abraçar o filho, existe a possibilidade de, por um instante, Ana ter pensado em abandonar tudo e seguir um outro caminho, o qual nem ela mesma sabe o que encontrará. Ana já não enxerga as coisas como antes, pois seu olhar, seus pensamentos e sentimentos a aprisionam mais uma vez, mas agora de uma outra forma. Agora a “flama do dia” se apaga, mas o encontro de Ana consigo mesma, por intermédio do cego, gera a possibilidade da permanência do inesquecível.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A submissão feminina à rotina familiar ainda é uma realidade bastante presente nos tempos atuais, mesmo apesar da existência de movimentos feministas que permitiram à mulher ganhar cada vez mais espaço na sociedade, embora, reiteramos, algumas mulheres ainda vivam sob a submissão de algo ou a alguém.

Assim como no conto objeto de estudo, no qual a personagem Ana representa com profundidade a figura feminina, submissa ao marido, aos filhos e aos afazeres domésticos, é possível que existam mulheres que se identificam com a personagem do conto, isto é, mulheres que se submetem aos conceitos da cultura patriarcal, cuja hierarquização sexual é notória. Nesse contexto, o gênero masculino exerce poder e autoridade sobre o gênero feminino, e o papel desempenhado pela mulher na sociedade fica relegado ao lar.

É nesse contexto que a mulher se resigna a dedicar-se fielmente ao zelo e manutenção do lar, abrindo mão de suas vontades e desejos para viver em prol do outro, no caso, o marido, a quem oferece amor, carinho e dedicação. Dessa forma, tais mulheres sufocam os seus desejos e reprimem os sentimentos de insatisfação e infelicidade com a vida que levam, sufocando também pensamentos que as coloquem “de frente” às suas reais condições. Esses pensamentos, tidos no conto como “epifanias”, podem surgir de maneira súbita, com o objetivo de apresentar o encontro com o real, através de uma situação específica ou até mesmo a partir de algo banal, que está presente muitas vezes no próprio cotidiano de quem teve esse momento de profunda contemplação de si próprio.

Portanto, através da leitura e análise do conto “Amor”, de Clarice Lispector, propõe-se que haja algumas discussões acerca dessas situações de submissão em que as mulheres brasileiras estão inseridas, sobretudo no âmbito familiar. Esse momento de epifania, decorrente da clareza da condição de submissão em que o sujeito está inserido, é muito evitado pela personagem, o que reflete a atitude de muitas mulheres, que por medo, vergonha, dependência financeira ou emocional, negam a si mesmas e permanecem nessa condição. É de suma importância a apresentação e a discussão em torno das temáticas em questão, esperando-se que a investigação contribua para os estudos que retratem aspectos como a submissão feminina e as questões cotidianas que perpassam e aprisionam muitas mulheres, como a opressão e a rejeição.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Rossana Paiva. Personagens femininas da literatura e seu impacto nas gerações. **Materializando Conhecimentos**, Porto Alegre, RS, v. 9, p. 1-17, 2019. Disponível em: https://www.redeicm.org.br/revista/wp-content/uploads/sites/36/2019/10/Personagens-femininas-da-literatura_ok.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- CARVALHO FILHO, Ildefonso Alves de; RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. A representação da condição feminina em contos de Clarice Lispector. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 17., 2012, João Pessoa, PB. **Anais [...]**. [S. l.]: UFPB, 2012. p. 1-11. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/205>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- GROB-LIMA, Bernadete. **O percurso das personagens de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. Amor. *In*: LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 24-40.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MOSER, Benjamim. **Clarice**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- OLIVEIRA, Rosa de Souza. **Olhares epifânicos: a epifania nos contos "Amor" de Clarice Lispector e "À sexta-feira" de Luandino Vieira**. 2000. Dissertação (Mestrado em Teorias Literárias e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001100066>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- SEQUETO TERROR, Maria Terezinha. Um olhar sobre Ana. **Travessias**, Cascavel, v. 6, n. 1, p. 440-462, 2012. Disponível em: <https://e-vesta.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/6165>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- SILVA, Gisélia Mendes da. O lugar do silêncio na rotina da mulher em "amor", de Clarice Lispector. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA; SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA – GÊNERO, IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL, 12., 3., 2007, Ilhéus, BA. **Anais [...]**. Ilhéus, BA: EDITUS, 2007. p. 1-5. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/GIS%C3%89LIA%20MENDES%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.